

# O AUTOR, O LEITOR E OS ELEMENTOS DE MEDIAÇÃO NOS TEXTOS DA EAD

Indaial – SC – Abril/2012

Eli Regina Nagel dos Santos – UNIASSELVI – [nagelsantos@yahoo.com.br](mailto:nagelsantos@yahoo.com.br)

**Categoria: Conteúdos e Habilidades**

**Setor Educacional: Educação Universitária**

**Classificação das Áreas de Pesquisa em EaD**

**Macro: E / Meso: L / Micro: N**

**Natureza: Relatório de Pesquisa**

**Classe: Investigação Científica**

## **RESUMO**

*A linguagem está intrinsecamente vinculada à vida humana e, por meio dela, é possível nos distinguirmos de outros seres vivos. Considerando a função da linguagem, nesse artigo, buscamos compreender o papel do autor, do leitor e dos elementos de mediação nos textos da EaD. Imprimiremos uma interpretação a partir dos estudos de Bakhtin do conceito de linguagem e dialogismo, cruzando com as informações fornecidas pelo autor do Caderno de Estudos para acadêmicos da EaD. Através dessa pesquisa, foi possível compreendemos que é de suma importância o uso do léxico na escrita do UNI. Esse é um elemento gráfico criado para chamar a atenção dos acadêmicos, dar uma pista, propor uma leitura. Porém somente esse ícone não é suficiente. Faz-se necessário certo cuidado ao propor um destaque na escrita, a fim de estabelecer uma relação próxima, e contextualizada com o acadêmico, seu interlocutor no curso a distância.*

**Palavras chave: ensino à distância; linguagem; dialogismo; mediação**

## 1- Iniciando a Conversa

A linguagem inserida no contexto social possibilita a compreensão dos sujeitos que são dialogicamente constituídos. A linguagem está em curso, se produz, se move no contexto histórico-social. Ela desvela a discursividade na qual estão inseridos os membros da sociedade de uma determinada época. Dessa forma, somos constituídos pela linguagem por meio de enunciados produzidos dialogicamente no convívio social, na coletividade e nas interlocuções, conseqüentemente ampliamos o nosso conhecimento e do outro.

Assim, o acadêmico, no caso da Educação a Distância, traça sua história nas relações estabelecidas com o social, utilizando-se das várias formas de linguagem. As palavras, além de dizer, produzem sentidos múltiplos e únicos. São elas que orientam nossa trajetória e é sobre elas que buscamos compreender nessa pesquisa o papel do autor, do leitor e dos elementos de mediação nos textos da EaD.

Existem várias definições para a palavra pesquisa, no dicionário <sup>[2]</sup> “pesquisa é buscar, instigar, inquirir, descobrir novos conhecimentos, fazer pesquisa”. Outro estudioso <sup>[3]</sup> afirma que: “fazer uma pesquisa significa aprender a pôr ordem nas próprias ideias. Não importa tanto o tema escolhido, mas a experiência de trabalho de pesquisa. [...] O que o verdadeiro pesquisador busca é o jogo criativo de aprender como pensar e olhar cientificamente”.

Desta forma, optamos por trabalhar com uma pesquisa de abordagem qualitativa <sup>[1]</sup>, visto que, os dados serão analisados por meio de descrição, e as informações obtidas não serão quantificáveis, mas analisadas por meio de uma interpretação fundamentada.

Ressaltamos que as enunciações analisadas, fazem parte da materialidade linguística coletada por meio de recortes do caderno de estudos escritos, especialmente, para acadêmicos da EaD, produzidos por autores (doravante mencionados, também, como professores-conteudista) contratados pela UNIASSELVI (Centro Universitário Leonardo Da Vinci), que possui a matriz localizada em Indaial-SC.

Os dados são recortes do Uni, ou seja, do mascote criado pela instituição que assume diferentes funções no caderno, ora para sugerir estudos futuros, para chamar a atenção, como complementação de assunto, indicar

autoatividades, bem como sugerir livros, artigos, filmes...aos acadêmicos. Devido sua importância destacaremos aspectos que o professor-conteudista necessita utilizar na escrita desse ícone.

## 2- Tecendo Alguns Fios...

A relação humana é mediada pela linguagem. Assim, por se tratar de ensino a distância acreditamos que o ponto de partida para qualquer trabalho parta do princípio que o professor-conteudista de materiais para alunos da EAD tenha a sensibilidade de conduzir à escrita, a fim de motivar o aluno na busca do conhecimento e na sua construção, explorando as potencialidades da linguagem. Com efeito, “a linguagem não é um meio neutro que se torne fácil e livremente a propriedade intencional do falante, ela está povoada, ou superpovoada de intenções de outrem. Dominá-la, submetê-la às próprias intenções e acentos é um processo difícil e complexo”<sup>4</sup>.

A linguagem é uma forma de interação humana que favorece a comunicação. Isso é possível, uma vez que a base da interação é o (inter) discurso “que dependem, para efeitos de sentidos, da HISTÓRIA DE VIDA do produtor e do leitor.(grifos no original) ”<sup>[8]</sup>

Convivemos com diferentes tipos de linguagens desde que nascemos, e na interação com o outro aprimoramos e construímos o código linguístico. Na realidade, não são palavras que pronunciamos e/ou escutamos, mas, são enunciados positivos ou negativos, resultados das relações sociais <sup>[4]</sup>. Toda forma de interação,

dá-se por um processo de mediação simbólica. O signo/símbolo poderá ser verbal: oral ou escrito; não verbal: sonoro/musical; visual: estático, dinâmico etc. Nos processos de interlocução à distância, os efeitos de sentido, significação, que são atribuídos aos textos (verbais ou não verbais), devem ser preocupação fundamental. É o leitor/aluno que, com sua história de vida e de leituras, atribuirá sentidos aos textos selecionados e/ou produzidos pelo professor <sup>[8]</sup>.

Desta forma, a linguagem, exerce uma função primordial devido o fato de que “toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada, tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte”. <sup>[5]</sup>

Ao entendermos a linguagem como instrumentos de interação social e formadora de conhecimento ultrapassamos a concepção da linguagem como

sistema fechado, estático, preestabelecido, voltado ao estudo do código. Porém, como uma “verdadeira substância da língua [...] não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas [...] mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação.” [5]

O enunciado, no viés bakhtiniano, é a unidade concreta e real da comunicação discursiva, uma vez que o discurso só pode existir a partir de enunciados concretos e singulares, pertencentes aos sujeitos discursivos de uma ou outra esfera da comunicação humana. Assim, cada enunciado é considerado um novo acontecimento, um evento único e irrepetível. Ninguém diz a mesma coisa duas vezes, as palavras podem ser as mesmas, mas o tom de voz, o contexto, os interlocutores são diferentes, portanto, as manifestações de emoção pensamento, sentido se alteram. Ou seja, mantemos uma relação dialógica com outros enunciados, que se apresentam como uma réplica, o que requer uma atitude responsiva ativa do outro com quem interagimos, relacionando com a realidade extra verbal.

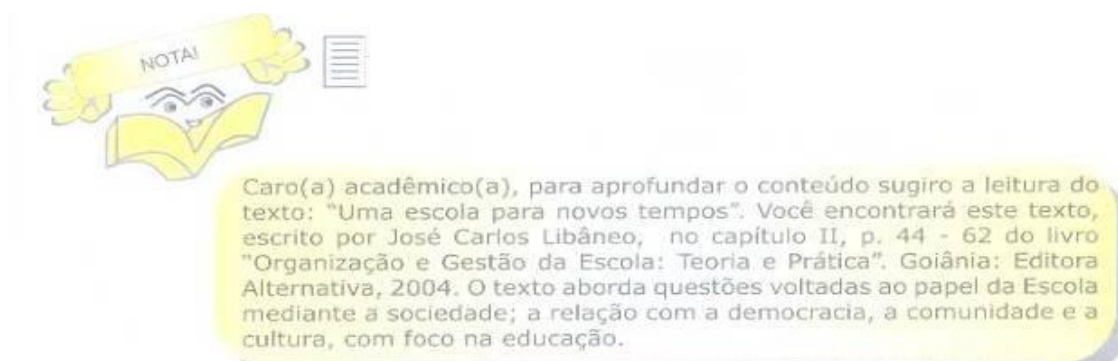
### **3- Acorando Reflexões.**

No momento que entendemos a enunciação como uma réplica do diálogo social, compreendemos que ela é ideológica, não existindo fora de seu contexto, mas é a base de uma interação produzida por sujeitos socialmente organizados. Trata-se de uma mistura de discurso interior e exterior.

Ao considerarmos o leitor de um Caderno de Estudos na EAD, baseados no papel do mesmo no ato de leitura, depreendemos “pistas” deixadas pelo professor-conteudista, cujo objetivo é guiar aquele que lê, nesse caso os acadêmicos, pelos fios da obra que se constitui. De modo a formar um todo de sentido que esteja ligado ao que chamamos de intenção do produtor. Assim, “el lector no puede ser clasificado como mero receptor, hay que ser considerado como coautor, como coautor en una fecunda tensión entre las instrucciones recibidas (desde el texto) y el propio impulso individual<sup>[15]</sup>”.

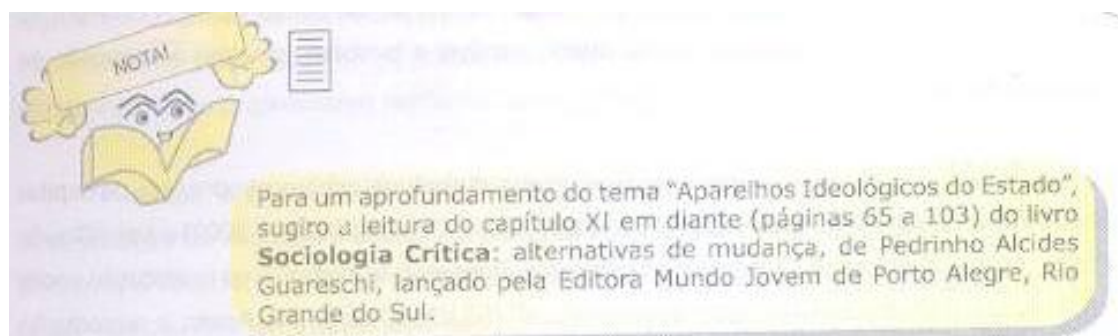
Compreendemos que as pistas deixadas para o leitor são imprescindíveis para que haja um diálogo efetivamente fluído. Um texto quanto mais completo e contextualizado mais despertará interesse no leitor. Vejamos dois exemplos:

Excerto 1:



Fonte: BUSS<sup>[13]</sup>, 2008, p.7.

#### Excerto 2:



Fonte: MARTINS<sup>[14]</sup>, 2008, p. 17.

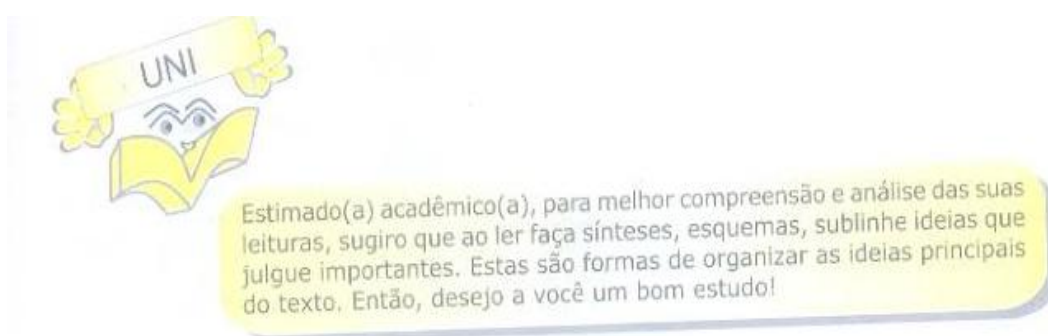
Quando lemos, nem sempre estamos atentos às pistas textuais, aquelas deixadas pelo professor-conteudista para que nos apropriarmos do que este quis nos dizer. No excerto 1, uma preocupação do autor em contextualizar o texto, de instigar a busca pela pesquisa. O uso do apelo ‘*Caro acadêmico*’, nos remete a uma aproximação com o leitor, o uso do pronome de tratamento ‘*você*’ também tornar o diálogo direto e conseqüente, a impressão de estar próximo, e preocupado com o mesmo. O emprego dos verbos ‘*aprofundar, encontrar, abordar*’ nos remete a um diálogo efetivo com o acadêmico.

Já no excerto 2, a linguagem é apresentada pelo professor-conteudista de forma mais distanciada, sentimos a carência do uso de elementos do léxico, nas escolhas das palavras, tais como: substantivos, adjetivos e advérbios. Analisamos que o autor serve-se somente do verbo ‘*aprofundar*’ para chamar o acadêmico à leitura, e apresenta a referência. Enquanto no excerto 1, além do professor-conteudista mencionar a obra, apresenta e propõe temas que sejam pertinentes a formação do acadêmico, esmiuçando aspectos que a obra contempla. Ressaltamos que “formas atrayentes y estratégicas deben ser empleadas en esa mediación de un determinado material de lectura”<sup>[15]</sup>.

Ao mencionarmos a constituição do enunciado, ressaltamos que ele é composto de um conjunto de signos, de uma dimensão verbal, mas, sobretudo de uma dimensão social, a sua situação de interação, que inclui o tempo e o espaço, os sujeitos sociais da interação e a sua orientação valorativa <sup>[4]</sup>.

Considerando a dimensão social como um elemento constituinte do enunciado, encontramos o papel do professor-conteudista do Caderno de Estudos, bem como do acadêmico, ou seja, o destinatário. Ambos ligados a uma situação de interação dentro da esfera social do Ensino Superior.

Excerto 3:



Fonte: BUSS<sup>[13]</sup>, 2008, p. 3

A partir do enunciado exposto, podemos depreender pistas, tais como: 'estimados acadêmicos' que nos conduzem a pensar que uma situação de interação não é um elemento externo; ela se integra ao enunciado, constituindo-se como uma das suas dimensões indispensável para a compreensão de seu sentido. Nesse caso, o professor-conteudista parte do princípio que o acadêmico, por frequentar o Ensino Superior, já tenha adquirido a habilidade de fazer sínteses, esquemas, caso contrário, não haverá uma resposta positiva à proposta.

Um enunciado isolado e concreto sempre é dado num contexto cultural e semântico-axiológico (científico, artístico, político, etc.) ou no contexto de uma situação isolada da vida privada; apenas nesses contextos o enunciado isolado é vivo e compreensível: ele é verdadeiro ou falso, belo ou disforme, sincero ou malicioso, franco, cínico, autoritário e assim por diante <sup>[4]</sup>.

Avaliamos assim, a importância de saber quem escreve e para quem escreve, ou seja, a relação entre sujeitos, dimensão constitutiva da linguagem. A palavra está, fundamentalmente, atrelada ao outro, o que procuramos na palavra é a resposta do outro que irá nos constituir como sujeito. Dessa forma,

a escrita é fundamental ao outro, poderá fazer menção de onde, quando, como o leitor começará a existir na resposta dele.

la nueva sociedad tiene algunas demandas educativas nuevas, mediante las cuales el sistema educativo debería dar respuesta. Por esa razón sería necesario que los profesores tuvieran el conocimiento suficiente del contexto social y cultural en que trabajan y una actitud dispuesta a asumir las modificaciones y las situaciones que emanan de ese contexto, además del conjunto de sabidurías, tan científicos como técnicos, que son propios de sus profesiones<sup>[16]</sup>.

Trabalhar a linguagem na perspectiva de interação e mediação na EAD exige redefinição de papéis: o professor-conteudista não pode ser visto como o agente exclusivo da informação e formação dos alunos, antes atuará como mediador. Seu papel é polemizar, questionar, desafiar os acadêmicos, e os UNI são ótimas ferramentas, desde que chamem o aluno para o diálogo, contextualizem a ideia, fazendo uso da linguagem formal. Lembramos que na fala é possível argumentar, esclarecer o que não ficou claro, já na escrita para esse público isso não ocorre, pois o texto vai para o acadêmico e o professor-conteudista não estará presente para responder eventuais dúvidas. Sabemos que existem outros profissionais (tutor-externo; tutor-interno; supervisores de disciplinas; articuladores; coordenadores) e ferramentas que podem ser utilizadas a fim de facilitar o diálogo com o acadêmico, seja via telefone, ambiente virtual de aprendizagem, contatos, mídias, porém aqui não iremos discutir e aprofundar a importância dos mesmos.

No processo de interação presencial nas salas de aulas, o diálogo constitui a essência do processo de ensino. Na EaD é necessário ver a base dos estudos nas interações verbais e sociais por meio da escrita e essa como espaço de construção de conhecimento, ou seja, a linguagem como interação, o que Bakhtin conceitua como dialogismo, na qual vai além do sentido face a face, mas como toda comunicação verbal, materializada de várias formas.

Focar o texto enquanto elemento básico no processo de EaD é oportunizar o desenvolvimento da capacidade de organizar o pensamento em diversas situações comunicativas. Neste sentido, o acadêmico desempenha ora de produtor, ora de receptor de textos. Quando se posiciona como autor do texto a constituição do mesmo passa por uma ampla rede de significação dos bens culturais adquiridos, ou seja, o texto é um composto de vozes sociais que o enunciam, é o que se pode chamar de interdiscursividade.

Como já destacamos <sup>[4]</sup>, a comunicação só existe na troca dialógica entre o eu e o outro. A grosso modo o “[...] discurso, isto é, a língua em sua totalidade concreta viva, e não a língua como objeto específico da linguística, obtido por meio de uma abstração totalmente legítima e necessária de vários aspectos da vida concreta da palavra <sup>[7]</sup>”.

Daí a compreensão de que “[...] todo discurso dialoga com outro discurso e toda palavra é cercada de outras palavras” <sup>[4]</sup>. Então, eu não sou somente eu, mas também os outros que me constituíram, conscientemente, ou não, por meio de enunciados (interdiscurso). A interdiscursividade é a multiplicidade de vozes heteroglossia <sup>[7]</sup> dentro do discurso de uma pessoa materializada, ou não, dentro de um texto. “É interessante deixar entreaberta a possibilidade de entendermos o discurso sob outras linguagens: a do desenho, da pintura, da música, do cinema, etc.”<sup>[9]</sup>.

O signo-texto, ou o texto-signo, seja ele verbal ou não, é a materialidade do diálogo para o processo de interação. Esse processo se constitui no armazenamento de textos que se veem obrigados a uma adequação de propósitos, de alteração dos modos como se operacionalizam e se decodificam, o que modifica a relação autor/leitor. Assim, o texto é o produto da dialogia, vai além da função de apenas representar o real, e transmitir conhecimento, mas vemos como uma condição de interação. No momento em que o texto passa a representar um enunciado, ele ganha autoria e torna-se constitutivo de um todo de sentido.

Se compreendermos que um enunciado é irrepetível, é porque entendemos que a palavra, ou um texto está carregado de sentido ideológico, assim muda de sentido conforme o contexto em que é utilizado: se falo “bom... estudo...” posso estar respondendo a pergunta de alguém, ou refletindo sobre como sou como acadêmico, bom até que estudo. Se leio “Bom estudo!” Posso estar elogiando a forma de organização de um curso o que me leva a uma qualificação profissional. Como também, ironizando “bom estudo”, no sentido de ruim, utilizando-se das mesmas palavras, para expressar indignação. Com base nesses exemplos, percebemos que, reagimos às palavras conforme elas expressam algum sentido na vida, emergem como respostas ativas.

A maneira que se interage com os textos é diferente para qualquer indivíduo, visto que, o resultado da leitura precede das experiências pessoais e



sociais. Notamos que todo texto é produto de criação coletiva<sup>[6]</sup>: a voz do produtor se manifesta junto de muitas outras vozes que já trataram do mesmo tema e com as quais propõe acordo e desacordo. Essa relação dialógica torna-se viável, é uma troca de diálogo, entrelaçada numa relação de sentidos. Sobretudo, qualquer relação dialógica é uma relação interdiscursiva<sup>[6]</sup>. Ou seja, o texto necessita da voz do leitor para renascer e criar vida, sem o leitor o texto não sobrevive, fica sombrio sem o ato de (re) criação e vitalização<sup>[10]</sup>.

A leitura de textos na Educação a Distância é uma atividade predominante e, portanto, olhar como esta vem sendo trabalhada, é buscar compreender como, a partir da produção de material didático, tem início um processo de interação entre sujeitos envolvidos... no momento mesmo da fase inicial de sua produção, o texto se torna um meio de possíveis interações... os sentidos podem ser todos, mas não qualquer um. Está pressuposto um sítio de significância, que implica... a constituição de um leitor ideal<sup>[11]</sup>.

O leitor ideal<sup>[12]</sup> é aquele idealizado no ato de enunciação, o que faz conjecturas das histórias pessoais e dos sentidos. O leitor da EaD, por sua vez, são os acadêmicos de determinado curso, cujas diferentes histórias de leituras e memórias discursivas obrigam que a leitura seja a mais polissêmica possível.

#### **4- Conclusão**

Ao partirmos do princípio que a linguagem caminha num processo de fluidificação, compreendemos que no momento que o sujeito toma uma posição de leitor se depara com o texto enquanto existência física. Entretanto, esses objetos não têm sua dimensão total, pois se destinam a um interlocutor, que a cada leitura amplia e modifica as significações.

Desta forma, compreendemos que é de suma importância o uso do léxico na escrita do UNI. O UNI é um elemento gráfico criado para chamar a atenção dos acadêmicos, dar uma pista, propor uma leitura, porém somente ele não basta, é necessário tomar cuidados na hora que o professor-conteudista propõe um destaque na escrita, a fim de estabelecer uma relação direta e contextualizada.

O que significa que indicar somente a referência de uma obra, artigo ou filme é consolidar uma fragilidade no diálogo com o leitor. Faz-se necessário que o conteudista conduza à escrita e explore o UNI contextualizando de forma

bem caridosa, vamos chamar assim, sua interface com o interlocutor. Isso porque o texto vai para o acadêmico, e o autor, portanto, não poderá mais sugerir, argumentar ou explicar. Isso requer uma escrita qualificada e minuciosa, para que o professor-conteudista atinja seu objetivo de conduzir os acadêmicos da EaD para além do que está proposto no caderno de estudos, mas ampliar seus conhecimentos com outras leituras e pesquisas, explorando a linguagem utilizada no UNI como um elemento de mediação nos textos da EaD.

### Referências

- [1] CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisas em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, p. 27, 1991.
- [2] LAROUSSE, Cultural. **Dicionário de Língua Portuguesa**. São Paulo: Nova Cultural, p.862, 1992.
- [3] GOUDENDERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record, 1997. apud BARTHES p. 68.
- [4] BAKHTIN, Michail. **Questões de Estética e de Literatura**. 3º ed. São Paulo: Hucitec, pp. 100, 46, 319, 1993.
- [5] \_\_\_\_\_. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. 12º ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- [6] FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.
- [7] FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. 2ª. ed. Curitiba: Edições Criar, p. 91, 2006.
- [8] POSSARI, Lúcia H.V. e NEDER, Maria L. C. **Linguagem – o entorno, o percurso**. Cuiabá: EDUFMT/NEAD, p. 53, 2001.
- [9] FORTUNATO, M.V. **Autoria sob a materialidade do discurso**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003. p. 38.
- [10] PERISSÉ, G. **Elogio da Leitura**. Barueri, São Paulo: Manoele, 2005.
- [11] VARGAS, D.J. **A orientação Acadêmica na Educação à distância: o trabalho do leitor Intermediário**. Cuiabá: UNIC, p.93, 2001.
- [12] ORLANDI, Eni. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 2 ed. rev. e aum. Campinas, São Paulo: Pontes, 1987.
- [13] BUSS, R. B. P.. **Gestão Escolar**. Indaial: Ed. ASSELVI, 2008.
- [14] MARTINS, J. **Currículo: teoria e prática**. Indaial: Ed. ASSELVI, 2008.
- [15] RÖSING, Tânia M. K (org.) **Lectura de los espacios & espacios de lectura**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, Badajoz: Universidades Lectoras, p. 403, 411, 2008.
- [16] CERRILLO, P. C. Los nuevos lectores: la formación del lector literario. In: HIGUERAS, M. C. U.; TORREMOCHA, P. C. C.; PADRINO, J. G. (Coord.). **Literatura infantil y educación literaria**. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla - la Mancha, 2005.